



**A PROMOÇÃO DA SAÚDE MENTAL DA CRIANÇA
ATRAVÉS DO VÍNCULO EDUCADOR-BEBÊ**

Francielle Iarto da Silva

Porto Alegre, 2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM INFÂNCIA E FAMÍLIA:
AVALIAÇÃO, PREVENÇÃO E INTERVENÇÃO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**A PROMOÇÃO DA SAÚDE MENTAL DA CRIANÇA
ATRAVÉS DO VÍNCULO EDUCADOR-BEBÊ**

Trabalho apresentado como requisito parcial para conclusão do curso de Especialização em Infância e Família: avaliação, prevenção e intervenção, desenvolvido sob a orientação da professora dr.^a Milena da Rosa Silva.

Francielle Iarto da Silva

Porto Alegre, 2015

SUMÁRIO

RESUMO.....	4
INTRODUÇÃO.....	5
OBJETIVOS.....	8
Objetivo Geral.....	8
Objetivos Específicos.....	8
MÉTODO.....	9
Delineamento da Pesquisa.....	9
Procedimentos.....	9
RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	10
Eixo 1: “Nascimento de um corpo, origem de uma história”: A constituição psíquica do bebê	10
Eixo 2: Sobre as faces do cuidar: os cuidadores que sustentam o vir a ser.....	13
Eixo 3: Educar, ensinar, sentir e cuidar: como promover um vínculo capaz de possibilitar a saúde mental?.....	17
CONCLUSÃO.....	21
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	24
REFERÊNCIAS.....	25

RESUMO

O presente trabalho teve com objetivo geral compreender de que modo se dá o vínculo educador-bebê enquanto promotor da saúde mental da criança. Foram encontrados 24 textos que elencaram conteúdos acerca do tema, destes, 13 puderam ser abordados na busca de reflexões que pudessem esclarecer o problema de pesquisa. As ideias abordadas através dos artigos tiveram um olhar psicanalítico, tendo como resultados três eixos considerados os pilares da relação educador-bebê: a constituição psíquica do bebê e o papel do cuidador neste processo, a função materna exercida pelos cuidadores e a importância de se investir no vínculo educador-bebê com a relevância de suas influências ao contexto da criança e a relação educador-bebê enquanto promotora de saúde mental a partir do investimento no cuidado individualizado, integrado e guiado pela sensibilidade do educador enquanto continente dos conteúdos cindidos do bebê. Como conclusão, observou-se a necessidade de investimento em pesquisas empíricas que possam formar resultados mais consistentes e, assim, auxiliar no cuidado e na formação de educadores atuantes em berçário.

Palavras-chave: vínculo educador-bebê, saúde mental do bebê, promoção da saúde mental.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho trata-se de uma revisão bibliográfica a respeito da relação educador-bebê, com ênfase na função materna exercida pelo educador de berçário e a relevância de seu papel na vida psíquica da criança. É apresentado deste modo por ser um tema contemporâneo que exige investimento na compreensão de conceitos teóricos que possam ser relacionados à prática profissional e, mais adiante, serem utilizados em trabalhos empíricos que contribuam com as construções científicas acerca do tema em questão.

Na realidade contemporânea, educadores de berçário acompanham os primeiros momentos de vida das crianças, estando presentes em suas primeiras conquistas e frustrações, e por isso devem ser compreendidos de modo específico por participarem desta fase de desenvolvimento que influencia consideravelmente no funcionamento do sujeito em seu modo de relacionar-se consigo e com o mundo (Seabra & Moura, 2005).

Desde o nascimento os bebês típicos demonstram desenvolver habilidades para perceber suas sensações e organizá-las a partir do que possibilita a qualidade de suas relações. Suas necessidades cognitivas e afetivas são anunciadas de modo não-verbal, estando dependente do olhar do Outro para a satisfação de suas necessidades básicas e sofisticadas. Para que ocorra o encontro entre o pedido e a oferta do cuidado, é necessário que haja a sutil sintonia da dupla objeto do cuidado-cuidador, onde este último, ao exercer o cuidado materno, define-se através da sensibilidade, da antecipação e da narratividade com que é capaz de vivenciar este encontro (Gabeira & Zornig, 2013).

O cuidado com bebês vai além do biológico ou orgânico. Entre limpar, alimentar e preparar para o sono há inúmeros aspectos “invisíveis” que permeiam esta relação primordial que pode influenciar de formas diversas na construção psíquica do sujeito (Aulagnier, 2001 e Fraiberg et al, 1994). Pesquisas recentes indicam que o

desenvolvimento humano ocorre a partir de processos de amadurecimento que incluem fatores neurológicos, genéticos e de constituição psíquica, os quais se desenvolvem a partir da relação com o Outro Primordial (Figueiredo, 2003). Este Outro atua possibilitando um espaço de construção da capacidade de vir à ser do objeto do cuidado para que este encontre um terreno de segurança na construção de si mesmo. Ou seja, para que haja a experiência de continuidade ou transformação, o cuidador, que segura, hospeda, agasalha e alimenta, deve também “sonhar” em todas as dimensões, de maneira tanto concreta quanto simbólica, atuando como testemunha do desenvolvimento da imagem do sujeito para ele mesmo e para seu mundo externo (Aulagnier, 2001).

Neste sentido, a realidade psíquica do bebê é precedida pelo investimento somático, que permite uma vivência afetiva capaz de possibilitar o encontro entre físico e psíquico de modo indissociável. Isto se inicia através de um corpo físico e depende do desejo do outro para se fazer. É a experiência de investimento no cuidado concreto que constroi uma realidade a partir do sensorial, ou seja, é o corpo que percebe um Outro que deseja e que, assim, permite desejar (Aulagnier, 2001; Bernardino et al., 2008).

Neste sentido, o corpo é o que dá início a uma vida psíquica ainda não existente, mas que já é anunciada por um Outro que permite a experiência afetiva. O agente cuidador tem a função de oferecer uma experiência integradora, de apresentar ligações, contribuindo para um “fazer sentido” que une corpo e psique (Bernardino et al., 2008). Assim, os primeiros agentes de cuidado formam um padrão relacional que faz frente no desenvolvimento do bebê. O meio será constituído por mãe, pai, familiares, babá e os educadores da creche, que atualmente tem sido uma escolha de cuidado alternativo possível em função da atividade de trabalho dos pais e a distância geográfica ou também rotina de trabalho de outros familiares. A disponibilidade deste serviço leva as famílias a optarem pela creche como um dos recursos mais utilizados – principalmente para pais de renda e escolaridade mais altas – mas que ainda carrega incógnitas sobre sua verdadeira

função, despertando críticas diante da formação, remuneração e atuação dos profissionais, bem como de outros aspectos que envolvem a socialização da criança (Rapoport & Piccinini, 2004).

Desta forma, observa-se a relevância de pensar sobre o trabalho dos educadores atuantes em berçário, levando em consideração a importância de questionar *de que modo o vínculo educador-bebê pode desenvolver-se como fator de promoção da saúde mental da criança?* E, assim, buscar compreender o funcionamento desta relação e utilizar o conhecimento para auxiliar na formação, capacitação e cuidado com estes profissionais, bem como contribuir para a prevenção em saúde mental a partir das influências emocionais desta vivência que funda aspectos cruciais do psiquismo do bebê.

OBJETIVOS

Objetivo Geral

Compreender de que modo se dá o vínculo educador-bebê enquanto promotor da saúde mental da criança.

Objetivos Específicos

- Identificar, na literatura brasileira, achados sobre a escolha do cuidado alternativo em berçário e o entendimento sobre pontos importantes a serem discutidos na Academia;
- Compreender, sob a ótica de alguns autores da Psicanálise, a construção do vínculo cuidador-bebê;
- Desenvolver considerações sobre o processo de vínculo entre educador e bebê, identificando os fatores de proteção e promoção da saúde mental da criança.

MÉTODO

Delineamento da Pesquisa

Tratar-se de uma pesquisa qualitativa e exploratória. Qualitativa por apresentar um olhar subjetivo e não mensurável que se detém a compreender os dados a partir de resultados elencados em categorias qualitativas. Exploratória por buscar a compreensão de um tema ainda pouco explorado, onde se utilizará o referencial psicanalítico.

Dessa forma, compõe-se como um trabalho de revisão bibliográfica, considerando-se a necessidade da busca por diferentes materiais de fundamentação teórica sobre o assunto, a fim de compreender fenômenos e conceitos estudados ainda pouco explorados (Gil, 2002).

Procedimentos

- Busca de artigos científicos de Psicologia publicados em português nas bases de dados BVS-PSI no período de 2004 até janeiro de 2015, por tratar-se de um tema contemporâneo que exige o investimento em estudos recentes, utilizando as palavras-chave *cuidado alternativo*, *berçário* e *cuidadores*;
- Delimitação de artigos referentes ao tema proposto;
- Organização dos dados e eleição de eixos de análise;
- Análise e compreensão dos dados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao considerar a busca por artigos científicos de Psicologia publicados nos últimos 10 anos, na base de dados referida acima, a partir das palavras-chave *cuidado alternativo*, *berçário* e *cuidadores*, obteve-se 24 resultados de textos completos em português. Dentre eles, 13 trouxeram pontos relevantes à discussão que contempla a relação educador-bebê no que diz respeito à compreensão do vínculo favorecedor de saúde mental. A partir destes resultados, elencou-se três eixos de análise do conteúdo dos artigos, sendo estes eixos construídos a partir do que pode ser considerado os pilares que abarcam o entendimento desta relação.

Eixo 1: “Nascimento de um corpo, origem de uma história”: A constituição psíquica do bebê

Os artigos encontrados (Becker et al., 2013; Kupfer et al., 2008; Ogden, 2010 e Teixeira & Dickel, 2013) destacaram de modo relevante as primeiras relações do bebê como suas primeiras formas de enxergar o mundo e, portanto, ser no mundo, ou seja, sua constituição.

Estes autores consideram que a história do sujeito já é iniciada antes de seu nascimento e até mesmo de sua constituição enquanto embrião. A vida do bebê, mesmo que não planejada conscientemente, surge com o desejo de uma existência com papel distinto diante da realidade que o aguarda. Teixeira e Dickel (2013) relatam que o sujeito se estrutura atrelado ao desejo do outro, sendo assim, o bebê, mesmo antes de estar sujeito, é convidado a trazer consigo o que está atrelado à trajetória de seus cuidadores. Isso se dá na medida em que se entende que um corpo só se torna sujeito a partir do encontro com o Outro, que traz consigo seus afetos, incluindo capacidades e sofrimentos.

Abordando o tema da constituição psíquica do bebê, Becker et al. (2013) retomaram as construções teóricas de Winnicott. Deste modo, afirmaram que nas primeiras fases do desenvolvimento emocional do bebê, o Outro se faz como um espelho ainda não separado de seu corpo. Neste período, bebê e cuidador são o ambiente, de modo que o primeiro vive a partir do psiquismo do segundo, que apresenta a realidade interna e externa através do investimento libidinal que parte da leitura da necessidade do corpo seguida da hipótese do desejo de um possível psiquismo (Winnicott, 1971, citado por Becker et al., 2013).

Winnicott ainda afirmou que a dinâmica das funções ambientais responsáveis pelo processo de desenvolvimento emocional do bebê envolvem segurar (*holding*), manejar (*handling*) e apresentar objetos (*object-presenting*) (Becker et al., 2013). Estas funções, considerando a tamanha dependência nos estados iniciais do desenvolvimento, representam um protótipo de relação apresentado pelo cuidador, que na experiência de mutualidade, comunica-se com o objeto do cuidado de acordo com as características de seu próprio psiquismo, instalando nele referências que se farão presentes em sua constituição psíquica (Winnicott, 1969, 1971).

Para este autor, segurar, manejar e apresentar objetos são fenômenos que carregam não apenas uma tarefa operacional, mas uma carga emocional que fará efeito a partir da forma como ocorrerá no encontro da dupla cuidador-objeto do cuidado. Segurar ou sustentar fisicamente estaria relacionado à contenção dos aspectos emocionais primitivos apresentados pelo bebê e integrados pelo cuidador através da identificação. Suas funções ocorreriam de forma saudável na medida em que o espelho no qual o bebê se vê pudesse refletir o que ele seria antes mesmo de saber de si, tendo continuidade através do corpo deste Outro que lhe dá um lugar para estar vivo (Winnicott, 1969).

Becker et al. (2013), utilizando-se deste entendimento, em pesquisa empírica que investigou as práticas e crenças de educadoras sobre o cuidado em berçário, apresentam

resultados que indicam que o *holding* é identificado como a principal necessidade das crianças em seus estágios iniciais de desenvolvimento. Por isso, o *holding* é considerado um fenômeno que abrange inúmeros aspectos. Sua forma inicial, que ocorreria nos primeiros momentos de vida do bebê, estaria relacionada ao período de preocupação materna primária, vivenciado pela dupla cuidador-objeto do cuidado como um momento em que a mãe/cuidador se coloca como uma continuidade do bebê, privando-se de suas próprias necessidades para dar a ele um lugar de sujeito enquanto sua subjetividade se instala. Sendo assim, na medida em que o bebê se desenvolve, ganha formas mais maduras, podendo integrar-se para ir em busca de sua autosustentação (Ogden, 2010).

No decorrer deste processo, o corpo, possuidor de necessidades orgânicas, permite a manifestação de um vir a ser sujeito, que é notado e investido/desinvestido como um bebê que já existe com características emocionais peculiares. Assim, a constituição de seu psiquismo instaura um sujeito desejante, que além de precisar fisiologicamente de determinados cuidados, passa a descobrir-se Um separado do Outro e possuidor de poder para desejar o que lhe traz prazer, conforme destacou o trabalho de Teixeira e Dickel, 2013.

Esse relacionamento marca a passagem do corpo sensorial a um corpo relacional que permite à psique destinar uma função de mensageiro, às suas manifestações somáticas, e ler nas respostas feitas por esse corpo mensagens que lhe serão dirigidas (Teixeira e Dickel, 2013, p. 119).

Complementando esta visão, Kupfer et al. (2008), a partir do entendimento do circuito pulsional descrito por Freud (1895), consideram que a constituição da subjetividade se dá em quatro eixos: a suposição de sujeito, o estabelecimento da demanda, a alternância presença-ausência e a função paterna. A suposição do sujeito seria o investimento do cuidador no vir a ser do bebê que está se constituindo enquanto sujeito

desejante. A partir desta suposição se abriria espaço para o estabelecimento da demanda, para o bebê “dizer” o que precisa. Com isso, a alternância presença-ausência ocorreria diante da dúvida estabelecida com a apresentação desta demanda, estando o cuidador instigado a desvendá-la enquanto lida com seus próprios limites. Nesta descoberta, outros interesses surgirão e o cuidador precisará se inclinar para fora da relação, havendo, então, o surgimento da função paterna.

Já para Winnicott (citado por Ogden, 2010), na medida em que a mãe/cuidador exerce suas funções como continente dos conteúdos cindidos projetados pelo bebê e, minimamente, mantém-se saudável para sonhar o bebê e seu mundo, também se permitindo sair deste formato para oportunizar que ele mesmo encontre seu modo de lidar com a realidade que se coloca aos poucos como desafiadora na medida em que percebe-se Um separa do Outro.

Com isso, entende-se que o cuidador enquanto espelho do bebê contribui consideravelmente para a constituição de seu psiquismo, estando representado por mãe, pai, avós, babá, educadora e demais pessoas presentes em seus primeiros anos de vida. Este entendimento é desenvolvido a partir dos autores elencados para este primeiro eixo de análise, que, de modo geral, apresentam os primeiros meses da criança como o que a funda como sujeito a partir de seus primeiros contatos com o mundo externo e, portanto, deve ser compreendido como um momento que exige atenção e investimento.

Eixo 2: Sobre as faces do cuidar: os cuidadores que sustentam o vir a ser

Este eixo compreende a relação do bebê com seus cuidadores, de modo a enfatizar a função materna exercida não só por mãe ou familiares, mas também pelos educadores que acompanham os primeiros anos de vida da criança. Os autores destacados (Bressani et al., 2007; Flack & Sordi, 2007; Kupfer et al., 2008; Nörnberg, 2013; Rapoport & Piccinini, 2004; Seabra & Moura, 2005 e Vitta & Emmel, 2004) trabalham em suas produções o

cuidado alternativo como realidade contemporânea que deve ser avaliada em suas diferentes formas, especialmente no que diz respeito à relação entre cuidador e objeto do cuidado.

A avaliação da constituição da subjetividade do bebê comporta quatro faixas que iniciam dos zero aos quatro meses de idade, seguida dos quatro aos oito meses, oito aos 12 meses e 12 aos 18 meses, considerando este período como crucial no desenvolvimento infantil. Até um ano e meio, o bebê tem seus primeiros contatos com o mundo externo, formando um padrão de relacionamento que vai fazer frente na construção do *self*. A forma como se dá esta relação é tomada como indicador de saúde e risco para suas próximas etapas de vida. O que ocorre até então influenciará na formação da estruturação psíquica (Kupfer et al., 2008).

É nestes primeiros meses e anos de vida que o cuidado alternativo é adotado como opção para a assistência regular do bebê diante da realidade atual das famílias. A necessidade de retorno da mulher ao trabalho, a distância geográfica dos familiares, a oportunidade de socialização das crianças e a rotina acelerada do cenário urbano são alguns dos fatores determinantes para esta escolha (Rapoport & Piccinini, 2004).

O trabalho de Rapoport e Piccinini (2004), citando Davies e Thornburg (1994), compreende o cuidado alternativo sob quatro eixos, referindo-se às formas não parentais de cuidado: creches e pré-escolas, creche domiciliar, babá/empregada da família e parente da família como cuidador domiciliar. Dentre estas, de acordo com Seabra & Moura (2005), a creche tem sido uma opção desde o final do século XIX, quando se incluía na Assistência Social como amparo às classes populares que tinham suas matriarcas como trabalhadoras.

A origem das creches tem em seu histórico a visão de abandono por famílias com poucos recursos financeiros que a utilizaram para sua saída necessária ao mercado de trabalho. Aos poucos, a preocupação com o investimento no desenvolvimento da aprendizagem e com a interação social das crianças foi favorecendo a escolha também das

famílias mais favorecidas socialmente (Seabra & Moura, 2005). A partir de então, dentre outros momentos históricos, a opção pela escola infantil passou a ser reconhecida como uma das mais viáveis, principalmente no que diz respeito às contribuições para o desenvolvimento cognitivo e social das crianças e às necessidades apresentadas pelas famílias (Rapoport & Piccinini, 2004).

Hoje, a creche é considerada um espaço de educação infantil que contribui consideravelmente para o desenvolvimento das crianças desde os seus primeiros meses de vida. Sendo assim, o cuidado alternativo por parte dos educadores de berçário instalou-se como prática rotineira, estando presente na realidade da maioria das famílias brasileiras (Seabra & Moura, 2005).

De acordo com pesquisas desenvolvidas nos últimos anos, o educador atuante em berçário tem como função fornecer os cuidados básicos necessários à saúde física do bebê, como a alimentação, o sono e a limpeza, bem como auxiliá-lo em sua descoberta de mundo, através de brincadeiras e jogos pedagógicos (Becker et al., 2013; Bressani et al., 2007; Nörnberg, 2013; Rapoport & Piccinini, 2004; Seabra & Moura, 2005 e Vitta & Emmel, 2004). Seu trabalho envolve o cuidado e a educação, estando tão intimamente envolvido com a criança a ponto de ser reconhecido como função materna (Vitta & Emmel, 2004).

Neste sentido, o papel do educador nas vivências do bebê toma uma forma que influencia sua construção emocional, pois em seus primeiros momentos de vida toda relação de cuidado é registrada por ele como peça-chave de sua descoberta enquanto sujeito. Nörnberg (2013), em sua visão sobre a pedagogia do contato enquanto termo utilizado para designar a importância do lugar de relação na Pedagogia, contribui enfatizando que o período no qual a criança se encontra sob os cuidados oferecidos no berçário é o momento onde ela passa a “ser-no-mundo-junto-com-outros”.

Logo, os espaços do berço ao berçário, são, para o bebê, um modo de estar-no-mundo. O berço e o berçário não são lugares transitórios ou que permitem o trânsito para outro momento, muitas vezes entendido como de maior valor, como, por exemplo, o primeiro ano do Ensino Fundamental, ou, ainda, o de ser visto como “futuro da nação”. Os espaços do berço ao berçário são (auto) constitutivos do ser bebê (p. 103).

Com este entendimento, considera-se que o educador se faz um Outro tão relevante quanto a mãe e outros familiares cuidadores, pois faz parte das primeiras relações vivências pelo bebê e que, então, serão consideradas protótipos para seu modo de relacionar-se consigo, com os outros e com o mundo no decorrer de sua trajetória de vida. O berçário não é apenas um caminho para o vir a ser sujeito, mas sim um lugar onde se constroem registros permanentes que são formados de acordo com a forma de cuidado exercida Nörnberg (2013).

Deste modo, compreende-se que o bebê, assistido por um ou mais cuidadores, acolhe, dentro de suas possibilidades, uma dinâmica de cuidado que inclui diferentes fenômenos que se fazem registros da “função materna”, o que permite a consideração de que não se pode pensar em uma mãe, mas em muitas “mães” que se fazem presentes neste contexto e, assim, tornam-se referência enquanto peças de um mesmo quebra-cabeça construído pela dinâmica do cuidado (Flack & Sordi, 2007).

Por isso, conforme enfatizado por Flack e Sordi (2007), o papel do cuidador vai além da assistência ao corpo ou ao intelecto, se faz, juntamente com estas tarefas operacionais, um universo biopsicossocial capaz de transformar a vida do bebê. Este cuidador, por vezes negligenciado em sua integralidade enquanto sujeito, se fará presente na trajetória atual e futura de quem ele cuida, fazendo parte de um lugar tão importante quanto a família nuclear.

Eixo 3: Educar, ensinar, sentir e cuidar: como promover um vínculo capaz de possibilitar a saúde mental?

O terceiro e último eixo enfatiza o vínculo com o educador a partir da escolha alternativa da creche ou berçário, pensada pelos autores (Becker et al., 2013; Figueiredo, 2012; Flack & Sordi, 2007; Gabeira & Zornig, 2013; Nörberg, 2013; Ogden, 2013; Oliveira & Mariotto, 2008 e Vitta & Emmel, 2004) como uma relação que deve ser cuidada como forma de promover a saúde mental a partir do investimento no educador, no bebê e na relação.

Conforme destacado por Gabeira e Zornig (2013), a partir de seus primeiros momentos de vida, o bebê já desenvolve a capacidade de perceber e organizar sensações através de suas habilidades inatas. Na medida em que as utiliza em sua experiência de mutualidade com o cuidador, gradualmente percebe-se distinto de seu entorno, construindo sua subjetividade de acordo com a qualidade de suas interações afetivas.

Nesta perspectiva, Figueiredo (2012) aponta que o principal sentido do papel de cuidador, na situação em questão como aquele que apresenta o mundo para o bebê, é o de constituir para ele uma experiência integradora, que auxilia no processo de fazer sentido, de dar um sentido para sua existência. Assim sendo, o educador de berçário deve estar atento às necessidades cognitivas e afetivas da criança, lançando mão de sua sensibilidade para identificar na linguagem não-verbal as sutilezas dessa comunicação primitiva (Gabeira & Zornig, 2013).

As ideias de Figueiredo (2012) indicam que dar sentido estaria relacionado a oferecer conexões às experiências, ou seja, construir uma “ponte” que interligue os acontecimentos de modo a torna-los compreensíveis. Esse lugar de conexão é identificado como o *holding* (Winnicott, 1971), apresentado por Gabeira e Zornig (2013) como função primordial do cuidado juntamente com a continência. Para eles, enquanto o *holding*

favorece a continuidade, a continência permite a transformação. Inicialmente, o *holding* é notado como um fenômeno somatopsíquico, que ao longo do tempo faz parte de dimensões identificatórias, simbólicas, entre outras. Já a continência é compreendida como um fenômeno que permite a capacidade de pensar, descrita por Bion (citado por Ogden 2010) como a atividade de ser sonhado e pensado pelo Outro para então poder pensar para si e sobre si. O cuidado exercido no início da vida do bebê que favorece esse lugar de sentido permite que esta experiência se constitua e faça parte de sua realidade psíquica.

Estes fenômenos são vivenciados tanto pela mãe real, quanto pelos demais cuidadores que exercem função materna. No entanto, ao ser considerada a distinção entre mãe e cuidador profissional, Maria Vincze (2003, citada por Gabeira e Zornig, 2013) descreve que enquanto a mãe cuida de seu bebê porque o ama, o profissional ama o bebê porque o cuida. Sendo assim, o cuidado do profissional relaciona-se ao cuidado da mãe, mas deve ser compreendido de modo peculiar considerando que sua maternidade latente pode estar em pauta, havendo a ilusão de uma relação materna.

Gabeira e Zornig (2013) esclarecem, com isso, que o educador de berçário deve ser considerado como um profissional que enfrenta em sua relação com o bebê diferentes sentimentos diante de seu vínculo mãe-não-mãe, por estar em um lugar íntimo que solicita afeto, mas deve tomar um caráter de trabalho. Considerando que esta relação tem origem, motivação e elementos distintos da relação mãe-bebê, o educador deve estar disposto a trabalhar-se para lidar com seus limites enquanto um sujeito que presta assistência coletiva e não dará conta de entregar-se ao bebê como a família se possibilita.

Ao compreender o lugar do educador de berçário como um profissional que deve exercer sua função com a ética do cuidado imparcial, espera-se que o desenvolvimento pleno dos bebês seja um motivador para o interesse em oferecer um cuidado efetivo, considerando a satisfação de suas necessidades. Com isso, a saúde da criança seria o resultado do investimento do trabalho do educador e, então, estaria relacionada à

capacidade do profissional de perceber as reações da mesma através de seus olhares e mímicas, como forma de satisfação e gratidão (Gabeira & Zornig, 2013 e Oliveira & Mariotto, 2008).

A qualidade deste trabalho de cuidado se constrói juntamente com as dimensões sensorial e analógica, valendo-se do investimento básico no cuidar, diferentemente da relação parental, que se utiliza do investimento narcísico (Gabeira & Zornig, 2013). Os educadores, nesta perspectiva, carregam consigo a responsabilidade de favorecer o desenvolvimento afetivo e cognitivo do bebê enquanto observam e avaliam sua prática diária entre o cuidado e a educação (Vitta & Emmel, 2004 e Oliveira & Mariotto, 2008).

Assim sendo, o educador de berçário pode possibilitar o desenvolvimento saudável do bebê investindo primeiramente em seu próprio cuidado para, com isso, abrir espaço para que este objeto do cuidado possa comunicar o que precisa. O sucesso nesta relação depende da disponibilidade do cuidador em permitir que sua prática seja guiada pela criança, considerando a importância do estabelecimento da rotina sem ferir a descoberta de mundo que se inicia pela priorização das necessidades ou desejos da mesma (Becker et al., 2013; Flach & Sordi, 2007 e Nörnberg, 2013).

Para tanto, Winnicott (1960, citado por Gabeira e Zornig, 2013) contribui precisamente no que diz respeito ao exercício do cuidado:

Deve-se notar que mães que tem em si prover cuidado suficientemente bom podem ser habilitadas a fazer melhor cuidando de si mesmas, de um modo que reconhece a natureza essencial de sua tarefa. As mães que não tem essa tendência de prover cuidado suficientemente bom não podem ser tornadas suficientemente boas pela simples instrução (p. 48).

Desta forma, ao avaliar o trabalho do educador, pode-se compreender que o seu autoconhecimento e constante autoavaliação favoreceria um vínculo capaz de possibilitar o

desenvolvimento da saúde mental. O cuidado suficientemente adequado estaria relacionado ao investimento narcísico deste educador a si mesmo, para, então, refletir sobre seus limites e potências, construir seu sentido profissional e, assim, capacitar-se a ligar e conter os conteúdos peculiares de cada bebê, sem padronizar ou tornar automática sua assistência ou envolver-se de modo ilimitado na tarefa de cuidar (Gabeira e Zornig, 2013).

CONCLUSÃO

Os três eixos elencados identificados como os três pilares que compõem a relação educador-bebê enquanto vínculo que possibilita a saúde mental da criança traçam um caminho desde a constituição psíquica para apresentar reflexões que indiquem a relevância deste processo desde o nascimento do bebê. Este, já nos seus primeiros meses de vida, é apresentado ao contato com educadores de berçário que em inúmeras situações não estão sendo acompanhados em seus aspectos emocionais ou de formação continuada para lidarem com as responsabilidades de se construir dinâmicas de cuidado que acompanharão o sujeito a partir de então.

A educação infantil no Brasil tem o papel histórico de estar atuando enquanto substituta da família nos cuidados básicos com os bebês. Sua proposta inicial relacionava-se à Assistência Social, havendo a expectativa de investimento no cuidado com o corpo. Ainda hoje, este lugar de cuidados operacionais está em evidência nas pesquisas que se focam na atividade do educador. No entanto, as demandas contemporâneas de educação puderam inserir na rotina dos bebês atividades pedagógicas relacionadas ao estímulo à aprendizagem e à socialização (Flach & Sordi, 2007).

Ao longo do tempo em que a educação infantil veio se instalando como uma escolha comum na cultura contemporânea encontra-se diversos dados sobre as formas de avaliar seu papel na vida das crianças e de suas famílias. Pesquisas da última década indicam que o cenário se modificou a partir de diferentes expectativas sociais (Becker et al., 2013; Bressani et al.; Flach & Sordi, 2007; Nörnberg, 2013; Rapoport & Piccinini, 2004; Seabra & Moura, 2005 e Vitta & Emmel, 2004). A creche ou berçário surgiu com a proposta de cuidar das demandas biológicas dos bebês e passou a ser compreendida como um recurso também educativo, de estímulo à aprendizagem. A partir disso, o educador foi valorizado como mentor pedagógico, que em muitos casos está em contraponto ao

atendente/monitor enquanto auxiliar na limpeza e alimentação do bebê (Vitta & Emmel, 2004).

Atualmente, o lugar destes cuidadores vem sendo questionado, levando-se em consideração a fragmentação de seu papel na vida emocional da criança. Na medida em que se entende que o educador/cuidador de berçário exerce função materna com todas as suas nuances, compreende-se a importância de vê-lo como um sujeito integral que carece também de cuidado e formação específica (Flach & Sordi, 2007 e Nörnberg, 2013).

Na medida em que o conhecimento sobre estes aspectos se amplia, mais a qualidade dos berçários é questionada, pois é notado como um espaço de subjetivação e, conseqüentemente, valorizado enquanto momento de valor ímpar na vida do sujeito (Flach & Sordi, 2007). Os educadores, remotamente vistos como cuidadores substitutos que participavam de um período curto da vida da criança enquanto ela aguardava seus pais retornarem do trabalho, hoje exigem um olhar distinto no que se refere ao seu lugar no universo infantil (Nörnberg, 2013).

A creche ou berçário, de acordo com Vitta e Emmel (2004), deve construir uma visão integrada de cuidado e educação, com educadores envolvidos em uma prática que considere as características de cada momento de vida dos bebês, podendo estimulá-los a desenvolver-se de acordo com suas respostas individuais, valorizando seus potenciais e respeitando seus limites.

Neste trabalho, obteve-se resultados que indicam que a assistência da creche ou berçário não é apenas um cuidado alternativo de passagem para a fase seguinte, significa um espaço de tempo que se fará presente nas demais fases de desenvolvimento do bebê, influenciando em sua relação consigo e com o mundo. Sendo assim, destaca-se a importância no investimento em pesquisas a nível nacional para que haja maior conhecimento da realidade brasileira e, então, maior investimento na formação e capacitação dos profissionais atuantes, pois no que resulta esta pesquisa observa-se que o

investimento ainda é limitado e a relação educador-bebê por vezes é negligenciada em sua complexidade e importância, havendo adversidades que poderiam estar se transformando em potenciais para a promoção da saúde mental da criança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho de revisão teórica teve como objetivo geral compreender de que modo se dá o vínculo educador-bebê enquanto promotor da saúde mental da criança. De forma abrangente, pode auxiliar na reflexão sobre os aspectos que permeiam este vínculo e o que pode contribuir para sua qualidade. Assim, desenvolveu-se entendimentos sobre o vínculo mãe-bebê, educador-bebê, suas afinidades e distinções éticas, e o potencial desta relação como protetiva no sentido de permitir a promoção da saúde mental do bebê através dos cuidados do educador de berçário.

Os achados permitiram o conhecimento sobre a realidade brasileira diante do cuidado alternativo e as expectativas em torno desta escolha. No entanto, os resultados ficaram limitados no que diz respeito ao vínculo enquanto promotor de saúde mental por não haver fatores empíricos que pudessem embasar a teoria estudada para além do que já foi desenvolvido até então. Também, o recorte dos artigos estudados pode ter restringido o conhecimento de outros dados importantes que contribuiriam para construções mais elaboradas sobre o tema.

Desta forma, conclui-se que outras pesquisas são necessárias, considerando a relevância deste tema e as peculiaridades das relações entre educadores de berçário e os bebês, considerando as nuances de suas construções emocionais. Percebe-se que a inserção do psicólogo neste contexto de cuidado se faz necessária para que haja a constante reflexão sobre o simbólico, o imaginário e o real que permeiam o universo do cuidar e do ser cuidado profissional.

REFERÊNCIAS

- Aulagnier, P. (2001). *Uma contribuição contemporânea a obra de Freud*. São Paulo. Via Lettera.
- Becker, S. M. S.; Bernardi, D. & Martins, G. D. (2013). Práticas e crenças de educadoras de berçário sobre cuidado. *Psicologia em estudo*. v. 18, n. 3, p. 551-560.
- Bernardino, L. M. F.; Kupfer, M. C. M.; Jerusalinsky, A. N.; Rocha, P. S., Lerner, R. & Pesaro, M. E. (orgs.). *Análise da relação de educadoras com bebês em um centro de educação infantil a partir do protocolo IRDI*. (2008). *Psicanálise com crianças: clínica e pesquisa*. São Paulo: Escuta.
- Bressani, M. C. L.; Bosa, C. A. & Lopes, R. S. (2007). A responsividade educadora-bebê em um berçário: um estudo exploratório. *Revista brasileira de desenvolvimento humano*. n. 17 (3), 21-36.
- Figueiredo, L. F.(2012). *As diversas faces do cuidar: novos ensaios de psicanálise contemporânea*. 2 ed. São Paulo: Escuta.
- _____(2013). *Cuidado e Saúde: uma visão integrada*. IN: Marin, I. K.; Aragão R. O. (orgs.). *Do que fala o corpo do bebê*. São Paulo: Escuta.
- Flach, F.; Sordi, R. O. (2007). A educação infantil escolar como espaço de subjetivação. *Estilos da clínica*. v. 7, n 22, p. 80-99. ,

- Fraiberg, S.; Adelson, E. & Shapiro, V. (1994). Os fantasmas do quarto do bebê. n. 7, p. 12-33.
- Gabeira, T. R.; Zornig, S. A. (2013). Os eixos do cuidado na primeira infância. *Caderno de Psicanálise*. v. 35, n. 29, p. 143-158.
- Gil, A. C. (2002). *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4 ed. São Paulo: Atlas.
- Kupfer, M. C. M.; Bernardino, L. M. F.; Jerusalinsky, A. N.; Rocha, P. S.; Lerner, R. & Pesaro, M. E. (2008). *A pesquisa IRDI: resultados finais*. IN: Lerner, R. & Kupfer, M. C. M. (orgs.). *Psicanálise com crianças: clínica e pesquisa*. São Paulo: escuta.
- Nörnberg, M. (2013). Do berço ao berçário. A instituição como morada e lugar de contato. *Pro-posições*. v. 24, n. 3 (72), p. 99-113.
- Ogden, T. (2010). *Sobre sustentar e conter, ser e sonhar*. In: Esta arte da psicanálise. cap. 7. São Paulo: Artmed.
- Oliveira, C. M. & Mariotto, R. M. M. (2008). Dois casos e uma questão: qual é o lugar do cuidador na subjetivação da criança? *Estilos da Clínica*. v. 8, n. 24, p. 176-189.
- Rapoport, A.; Piccinini, C. A. (2004). *A escolha do cuidado alternativo para o bebê e a criança pequena*. *Estudos de Psicologia*. n. 9 (3), p. 497-503.

Seabra, K. C. & Moura, M. L. S. (2005). Alimentação no ambiente de creche como contexto de interação nos primeiros dois anos de um bebê. *Psicologia em Estudo*. v. 10, n.1, p. 77-86.

Teixeira, C. R. & Dickel, A. (2013). A aquisição da linguagem por meio das interações promovidas pelo cuidador em classe de berçário. *Revista Pedagogia*. n. 30 (91), p. 52-63.

Vitta, F. C. F.; Emmel, M. L. G. (2004). A dualidade cuidado x educação no cotidiano do berçário. *Paideia*. n. 14 (28), p. 177-189.

Winnicott, D. W. (1971). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago.

_____(1969). A experiência mãe-bebê de mutualidade. In: Winnicott, C.; Shepherd, R. & Davis, M. (orgs.). *Explorações psicanalíticas D. W. Winnicott*. p. 195-202. Porto Alegre: Artes Médicas.